

I Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação

12 a 14 de setembro de 2017- Naviraí-MS



O DESAFIO DOS IMIGRANTES DIGITAIS: um breve estudo sobre os estudantes na Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Rede Municipal de Ensino de Naviraí-MS

Andréia Messa Longo
Gerência de Educação da Prefeitura Municipal de Naviraí (GEMED/PMN)
andreialongo@bol.com.br

Adriano Chaves de França
Prefeitura Municipal de Naviraí (PMN)
UNIESP
adrianoch@gebio.org.br

Eixo Temático: Educação, saúde e sociedade

RESUMO

O presente relato apresenta uma análise qualitativa dos alunos frequentes da modalidade EJA das Escolas Municipais do Município de Naviraí/ MS nos quais serão expostas as dificuldades presentes para a adaptação digital para o acompanhamento escolar dos mesmos, bem como os avanços no uso das tecnológicas dos alunos com mais de 50% de presença durante o ano escolar. O trabalho tem como objetivo analisar se o uso da tecnologia no ambiente escolar tem contribuído para a evasão ou permanência destes alunos.

Palavras-chave: Tecnologia; Aprendizagem; Educação; Adultos.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Não somos culpados pelo mundo que encontramos ao nascer. Mas precisamos, na medida de nossas possibilidades, fazer alguma coisa pelo mundo que está sendo construído (ou destruído). E que será herdado aos que hão de vir.

Gilberto Cotrim

Nos últimos anos o avanço tecnológico tem nos surpreendido com sua rapidez e modernização, com isso a aquisição de equipamentos para acompanhar essa tecnologia também se tornou frequente no ambiente escolar.

Segundo João Brunelli Moreno do blog tecnoblog, o primeiro computador foi criado por John Eckert e John Mauchly (EUA) chamado de E.N.I.A.C. – Eletronic Numerica Integrator and Computer em português Computador e Integrador Numérico Eletrônico, sendo ligado pela primeira vez em julho de 1947. Construído a pedido do exército dos E.U.A., tinha 30 toneladas e ocupava uma área de 180m², um grande monstro tecnológico que ficava em um laboratório de balística. Hoje, este imenso computador viaja pelo mundo em exposições (MORENO, 2011).

Foi a partir da década de 1970 que os primeiros computadores de pequeno porte para uso doméstico e para empresas – os desktops – surgiram, onde facilitou a prática de seu uso e de um novo conhecimento da tecnologia. Atualmente são os LapTops mais utilizados, podem ser carregados em bolsas e são tão avançados que não precisam mais de cabos para conectar a preciosa internet. Acompanhando essa tendência as escolas também começaram a adquirir as maravilhas tecnológicas.

Moraes (1993) diz em seu ensaio que as primeiras tentativas de implementação de computadores nas universidades foi entre 1972 a 1975, mas apenas após vários seminários realizados para implementação de projetos pilotos em cursos de física e química, o objetivo foi concretizado em 1984 com o Projeto Educom, financiado pelo MEC, Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq) e empresas particulares. Foi o marco inicial para a formulação da política nacional de informática educativa.

Aos poucos, a introdução desses novos equipamentos nas escolas públicas começou. Porém, o uso desses equipamentos, por alunos adultos nem sempre tem a frequência ou seu uso de forma adequada em sala de aula. ou STE (sala de tecnologia). Mesmo com a contratação de um profissional específico para esta sala, para orientar o uso desses

equipamentos para os alunos frequentadores, muitos não se sentem a vontade para a utilização.

Em prática há a necessidade de um letramento até porque, alguns alunos/ imigrantes digitais tem um conhecimento superficial do mundo digital ou nenhum. A explicação para o uso dos equipamentos adquiridos pela escola dá-se rapidamente para a utilização na escola. Apenas uma breve pesquisa, assistir a um vídeo, completar exercícios prontos. Nada que os motive para que realmente possa aguçar a curiosidade ou se envolver o suficiente na atividade proposta. Um estudante frequente da 4º fase de uma das escolas pesquisadas relatou sobre frequentar a sala de tecnologia: “A gente vai lá sim na sala, mais... assiste um filme em português ai volta pra sala. Depois só fala se gostou e pronto... acho que... sei lá... eu gosto mais é só.”

Esse trecho da fala do estudante sugere que, não há um desinteresse a atividade proposta pelo professor, mas uma expectativa não realizar por ele. Uma pesquisa posterior sobre o que foi assistido ou vídeos semelhantes no Youtube poderia ser uma saída prática para a aproximação deste aluno para o aprendizado digital.

Nesta passagem de Mafra e Moreira (2012) insere o contexto da necessidade dessa prática em sala de aula:

No âmbito do ensino-aprendizagem, entretanto, muitos docentes ainda recusam a inovação de seus conteúdos curriculares. Esta inovação representaria a capacitação dos professores em utilizar a cibercultura para melhorar a percepção de mundo de seus alunos. Além disso, incluir socialmente os estudantes na vida cidadã contemporânea por meio da formação e do conhecimento implica auxiliá-los na mudança de seu modo de ler-escrever e de uma construção do senso crítico a partir do letramento digital (MAFRA E MOREIRA, 2012, p. 194).

Mais uma vez se faz necessária a formação digital docente para acompanhar esses avanços. E hoje o que se percebe nas práticas pedagógicas das escolas das quais leciono, são os alunos que auxiliam os professores a utilizar dos equipamentos. Lembrando é claro que os profissionais da educação também recebem essa nomenclatura de imigrante digital

Mas esse tipo de situação, na visão de alguns profissionais, causa certo desconforto. Então evitam ao máximo usar os equipamentos disponíveis na escola ou usam para outros fins mais simples. Como passar filme na lousa digital ao invés de trabalhar a reformulação de um texto. Solicitar trabalho em slides como tarefa em vez de montar na escola e tanto outros.

A necessidade da prática social virtual já ultrapassou o ambiente escolar, então faz-se necessário muito mais agora esse aprendizado. Hoje o uma disciplina de letramento digital para os alunos deveria ser oferecido aos estudantes.

2 DESENVOLVIMENTO

Este trabalho é concebido com o objetivo de realizar a pesquisa perante à dificuldade presente dos alunos da educação modalidade EJA de Naviraí/MS para o aperfeiçoamento ou iniciação ao Letramento Digital. A pesquisa sobre a problematização será demonstrada no corpo do trabalho.

A prática sociocultural atual presente nas escolas como ferramenta pedagógica são na maioria, os computadores e a internet, quando se tem uma rede de acesso satisfatória, porque ainda em escolas deste Município em questão permeia a dificuldade do acesso de qualidade. O que se pretende com essa pesquisa é conhecer a realidade desse uso tecnológico nas escolas de Naviraí e se esse uso está sendo realizado de forma correta e consciente. Freitas (2010) ressalta em seu estudo que:

De modo geral, todos os usos do computador-internet se processam a partir da leitura-escrita e da presença cada vez mais intensa de recursos multissemióticos, multimidiáticos e hipermidiáticos nessa tecnologia. A própria inserção do computador-internet no processo pedagógico acontece, principalmente, a partir de trabalhos realizados via ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), fóruns de discussão, e-mails, blogs, sites de busca, para viabilizar pesquisas, wiki, etc., atividades essas que passam, necessariamente, pelo letramento digital. Portanto, é relevante e urgente uma discussão do letramento digital no trabalho com professores (FREITAS, 2010, p. 2).

Dessa forma as práticas tecnológicas devem ser inseridas no meio escolar. Dos sessenta e oito alunos que responderam as perguntas, cinqüentas destes diziam saber usar computador e celular com internet, porém dezoito não fazem questão de ter um celular com acesso à internet. Percebeu-se que estes últimos têm a idade mais avançada, posterior a cinqüenta anos de idade.

A apropriação desse conhecimento pelo corpo discente é feita não raramente de forma incoerente para o uso escolar e nesse momento o conhecimento do professor para a orientação desse uso consciente seria primordial.

Gilster (1997), indica competências básicas para que ocorra o processo de letramento digital e formula essas competências: “habilidade de entender e usar as informações em formatos múltiplos de uma vasta gama de fontes quando esta é apresentada via computadores”, enfatiza além dessa habilidade as capacidades de memorizar comandos, ter pensamento crítico para avaliar sites pertinentes, realizar buscas de informações, fazer leituras em hipertextos e lidar com a grande biblioteca virtual.

Diante esta via percebe-se que todas as atualizações tecnológicas devem ser acompanhadas pelos profissionais da educação de forma que possa auxilia-lo para a transmissão de conhecimento aos alunos. O letramento digital se torna cada vez mais relevante dentro do ambiente escolar, porque além da própria capacitação, professor poderá rever seus conceitos metodológicos e conseguirá interagir com mais propriedade com seus alunos no mundo cibرنético. Tendo como bagagem também o próprio conhecimento do aluno de uso da rede.

Outro dado importante relatado pelos estudantes é o desejo de utilizar o computador na escola para realizar pesquisas de interesses múltiplos: ‘‘Eu queria é entrar em vários lugares e olhar tudo ... já vi colegas fazendo, mas não sei como... aí fico só em uma mesmo... sei lá vai que depois me perco lá né.. (risadas).’’

O uso da tecnologia em larga escala tem transformado os conhecimentos dessa nova geração- os nativos digitais e porque não adaptá-la ao imigrante digital, ao aluno adulto que por vezes está longe da escola por mais de uma década. Marcelo Buzato (2006) afirma que:

Letramentos digitais (LDs) são conjuntos de letramentos (práticas sociais) que se apóiam, entrelaçam e apropriam mútua e continuamente por meio de dispositivos digitais para finalidades específicas, tanto em contextos socioculturais geograficamente e temporalmente limitados, quanto naqueles construídos pela interação mediada eletronicamente (BUZATO, 2006, p. 16).

Faz-se necessário em nossas práticas sociais o saber usar a tecnologia, nas mais simples ações diárias tem-se a presença desses avanços, a cada novo modelo de celular e seus respectivos aplicativos, o preenchimento do diário de classe virtual. Maria Tereza Freitas (2010) ressalta ainda para a devida importância da formação com o uso da tecnologia, fato advertido por outros autores utilizados no trabalho. Inserir os imigrantes digitais em ambiente escolar se faz necessário, para o desenvolvimento cognitivo dos alunos frequentadores da EJA.

A pesquisa identificou que cerca de noventa por cento dos estudantes sentem alguma dificuldade de realizar algo tecnológico sendo no ambiente escolar ou pessoal, a partir dessa porcentagem tão alta poder-se-ia realizar um projeto direcionado aos alunos imigrantes digitais para diminuir a dificuldade que os mesmos possuem e integrar o uso da tecnologia como um processo de apropriação do educando.

Nestas condições, as reflexões de Bazzo (1998) já advertia a necessidade de uma transformação social ampla para o acesso ao desenvolvimento científico-tecnológico e

recomendará uma abordagem no ensino com a tecnologia que ultrapasse os conhecimentos e habilidades para o exercício de uma profissão, mas também elementos que permitam interagir e pensar, num processo coletivo, nos resultados e consequências sociais e ambientais das inovações científico-tecnológicas.

Assim, se faz necessário romper com as práticas didático-pedagógicas tradicionais e promover uma reestruturação através dos professores e permitir que se construa uma educação para o desenvolvimento pleno da pessoa tanto na formação do trabalhador como no conhecimento da ciência e da tecnologia não apenas como instrumento de poder, mas sim de desenvolvimento humano (BAZZO; COLOMBO, 2001).

Se a educação escolar em muitos casos não conseguir integrar indivíduos como os grupos de educandos do EJA, dificilmente estes terão oportunidades de acesso as tecnologias da informação, devido as suas condições socioeconômicas. Por isso, a capacitação dos educadores deve ser adequada as novas demandas que surgem em contextos de mudanças na sociedade e que consigam transpor o medo e afastamento dos alunos frente as tecnologias.

Um documento elaborado pelo MEC afirma que se a escola não incluir na educação a internet, a mesma caminha no sentido contrário e produz a exclusão da cibercultura e social do seu educando. Pois, a informática no sentido amplo, não só potencializa o currículo como é de grande contribuição no sentido pedagógico para incluir o aluno nas práticas contemporâneas.

3 RESULTADOS, DESAFIOS E APRENDIZADO

Perante a pesquisa realizada houve a percepção da vontade de aprender pelos alunos imigrantes digitais frequentes da modalidade EJA, tal qual a dificuldade que a maioria relata em fazer o uso dessa tecnologia. Também não pode-se deixar de destacar a vontade e curiosidade que o alunos expuseram sobre o novo aprendizado, porém de uma forma diferenciada, ‘mais calma’ de acordo com o tempo deles.

A maioria destes interromperam seus estudos por anos e ao retornar para o ambiente escolar se deparam com métodos diferenciados de ensino e nomenclaturas diferentes utilizadas por professores e colegas, quase todas relacionadas ao mundo virtual. A partir daí oportuniza o acesso ou a ampliação do conhecimento aos imigrantes digitais.

REFERÊNCIAS

BAZZO, Walter Antonio. **Ciência tecnologia e sociedade e o contexto da educação tecnológica**. Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 1998.

BAZZO, W. A.; COLOMBO, C. R. Educação tecnológica contextualizada: ferramenta essencial para o desenvolvimento social brasileiro. **Revista de Ensino de Engenharia**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 9–16, 2001

BUZATO, M. E. K. Letramentos digitais e formação de professores. São Paulo: **Portal Educared**e. 2006. Disponível em: <http://www.educared.org.br/educa/img_conteudo/marcelobuzato.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2016.

FRANK, Simone Raquel. Professores Imigrantes Digitais e Alunos Nativos Digitais: Conflitos, Desafios e Perspectivas. **UFSM**, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.ufsm.br:8080/xmlui/handle/1/1848>>. Acesso em: 18 dez. 2016.

FREITAS, M. T. A. Letramento Digital e Formação de Professores. Belo Horizonte, **Educação em Revista**, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/v26n3/v26n3a17>. Acesso em: 10 dez. 2016.

GILSTER, P. **Digital literacy**. New York: John Wiley & Sons, Inc., 1997.

GONÇALVES, Adair Vieira. – SILVA, Wagner Rodrigues- GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa (Orgs.) **Visibilizar a Linguística Aplicada**: abordagens teóricas e metodológicas. Campinas, São Paulo. Pontes Editores, 2014.

MORAES, M. C. Informática educativa no Brasil: um pouco de história. **Em Aberto**, Brasília, ano 12, n. 57, jan.-mar. 1993.

MORENO, João Brunelli. Eniac, o primeiro computador do mundo, completa 65 anos. **Folha São Paulo**, 2011. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/56910/eniac-primeiro-computador-do-mundo-completa-65-anos/>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

PRENSKY, Marc. Nativos Digitais, Imigrantes Digitais. **NCB University Press**, Vol. 9 No. 5, 2001. Disponível em: <<https://docs.google.com/document/d/1XXFbstvPZIT6Bibw03JSsMmdDknwjNcTYm7j1a0n0xY/edit>>. Acesso em: 20 set. 2016.